

uma collecção de moedas portuguezas, tanto continentaes como coloniaes,—onde noto um real de D. João I, de bolhão, que, por differir, ainda que levemente, dos que vem estampados e descritos na obra do Sr. Dr. Teixeira de Aragão, o figuro na estampa junta:



alguns dinheiros de conto, a que os francezes chamam *jetons* e os nossos antigos chamavam *contos para contar*.

Apesar de possuir varios objectos archeologicos, o Sr. Sousa Rocha collige principalmente moedas portuguezas, de que já tem boa serie; assim num ramo limitado chega mais facilmente a obter grande collecção, do que dispersando-se por muitos ramos¹.

*

A excursão archeologica estendeu-se ainda por Balsa (campo de Tavira) e Ossonoba (campo de Faro); mas, como me falta tempo para tratar d'essas duas importantissimas estações lusitano-romanas, e do mais que observei e estudei em Castro-Marim, e como não desejo continuar a retardar a publicação d'este artigo, termino-o aqui. Não faltará occasião de n-*O Archeologo* me referir ao que por agora omitto.

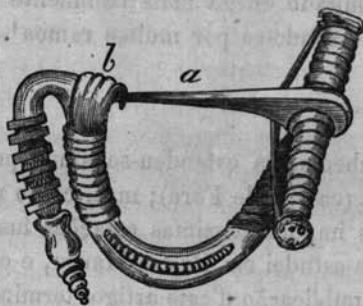
J. L. DE V.

Estevaes do Mogadouro

Assenta esta pobre e humilde aldeia, terra da minha naturalidade, composta só de umas 60 casas, que formam uma unica rua, num tabo-leiro da vertente sul da serra da Novalheira, a 20 kilometros a sudoeste de Mogadouro. Esta serra é um prolongamento para oeste das cimas ou alturas de Lagoaça, e é limitada, por este lado, pela ribeira das Arcas, e pelo sul e norte, respectivamente, pelas ribeiras dos Estevaes

¹ O Sr. Sousa Rocha não chegou a ler este artigo, porque falleceu em 23 de Maio de 1897, na idade de 44 annos incompletos, pois tinha nascido em 17 de Outubro de 1853 (em Portimão).—Cfr. o que a seu respeito escrevi n-*O Arch. Port.*, iv, 329 sqq.

e Meirinhos; começando, todavia, a ser só conhecida por este nome a partir do *Collo* ou *Portella da Rainha*, aonde se cruzam varios caminhos vicinaes e partem as linhas de agua da *Calhinha* e *Relva*. É esta serra de bella e aprazivel paisagem pela variedade de panoramas e quadros naturaes que offerece, e pela abundancia e diversidade de vegetação que a reveste, sobresahindo as enormes matas de pinheiros, arvore indigena, que cresce espontaneamente e toma proporções gigantes, o que faz que seja verdadeira fonte de riqueza para estes povos pelas madeiras e lenhas que lhes fornece. Alem de que tambem não é menos digna de notar-se pelos jazigos de varios minerios e aguas midicinaes que contém, como pelos vestigios que apresenta, que merecem ser estudados pelos amantes de conhecer e observar as pègadas deixadas pelas gerações que nos precederam e viveram por estes sitios. E como taes mencionaremos a nomeada da *Portella da Rainha*, que dizem provir de ter passado neste ponto uma Rainha, que sequiosa,



O estillete a desencaixa-se de b, funcionando como a haste de prender um broche

bebera agua numa fontella que fica em baixo a norte, e que de haver encontrado tam *bella*, boa, lhe ficou o nome de *aguas bellas*: a sombria e escusa ravina, a algumas centenas de metros áquem, que mesmo de dia enche de temor e receio a quem a percorre, a que chamam *Valle de Ladrões*, onde se vê o *lameiro do mouro* junto da parede nascente do qual, ha poucos annos, uns coelhos fazendo as suas *lorgas* puseram a descoberto os alicerces de uma casa e fragmentos de lousa, tijolo e telha do feitio da actual. A *Fraga do Seixo*, outra ravina logo a nascente d'esta, onde se achou uma interessante fibula de cobre ou bronze coberta de uma espessa e brilhante camada de oxido que semelha tinta, que no desenho dado a cima figuro em tamanho natural, e que é muito parecida a outras duas que estão no Museu e foram descobertas nas povoações mortas de Picote e Coelhooso. Neste local, da encosta norte da serra, deparam-se-nos ao longo e de uma e outra parte da linha de agua oito buracos, *palas*, abrigos ou grutas em

rocha dura, algumas ainda completamente livres e desempedidas com uma capacidade de conter 30 a 40 cabeças de gado lanigero ou caprino, outros porém já muito entulhados e mal distinctos mas percebendo-se ainda, em quasi todas, restos de muro de pedra solta que servia para vedar ou proteger a entrada. Alguns metros por cima, na encosta e num altinho, havia uns pequenos circos ou circuitos lageados, *eirinhas*, de 3 a 4 metros de diametro e cercados de um murozinho de pedra solta. Neste sitio viveram os mouros, diz a tradição, e os mais velhos accrescentam que era onde se refugiavam e se escondiam os que fugiam ao serviço militar, especialmente no tempo da guerra dos franceses. Finalmente outros *circos* ou *eirinhas*, informam, se vêem ainda agora proximos dos conhecidos buracos ou *palas*, resguardo dos pastores, nos pontos da Gricha, das Arcas — a chamada gruta da Maria Thomé —, na *canada* dos Parreiras, no caminho de Meirinhos e outras partes. Evidentemente signaes são estes de um primeiro povo que procurava os abrigos naturaes para sua morada, ou sepultura, vivendo no meio das espessuras dos bosques, e escondidos nas matas. E como seria mysterioso e cheio de superstição todo esse viver, aqui em que hoje mesmo, ao percorrer-se, silenciosamente, toda essa enorme floresta de pinhaes, o seu sussurro nos arripia e nos faz lembrar o gemer do deus das tempestades! E que mais necessario era para criar um mundo de phantásias de que observar, em noites de luar, essas enormes faxas escuras, semelhando sombras de gigantes, movendo-se á passagem da mais leve aragem! E depois, com o rolar dos seculos, o homem deixou de ser troglodita, habitou a collina e cultivou o valle, e a gruta lá ficou para covil de bandidos cujo scenario nos é impressionavelmente descripto numa das primeiras paginas da *Historia de Gil Blas de Santilhana*.

As tradições da Novalheira adjungem-se as do Sarzedo, feracissima veiga, que fica a 2,5 kilometros a sudeste da povoação em caminho de Freixo-de-Espada-á-Cinta. Neste ha uma Quinta pertencente á minha familia onde se vê uma modesta capella da invocação de Nossa Senhora da Alegria, cuja imagem, assim como a de S. Lourenço, são de bella esculptura. É crença antiga ser muito milagrosa esta Senhora, que narram fôra vista, de pé, no meio da corrente do rio Douro num dia de grande cheia e d'onde foi retirada para esta ermida que mandou fazer o padre de Masouco, Lourenço Sanches, em 1782, como se vê do auto ou instrumento que tenho presente do seu patrimonio, e com auctorização do Arcebispo de Braga, D. Gaspar. O seu material é de presumir que viesse de outro templo, que dizem que houvera no alto da *Igrejinha*, comprehendido entre o ribeiro Cereijaes, que divide quasi

ao meio a Quinta, e a já referida linha de agua da Relva. Segundo contam, concorriam alli a ouvir missa todos os povos de ao redor, e os seus alicerces ainda não ha muito que desapareceram. É muito de crer que elle existisse e fosse mandado fazer no tempo em que na Quinta houve uma importantissima exploração e fundição de minerio (que recentemente reconheci ser de estanho e descobri a continuação da mina), a avaliar pela enorme quantidade de escoria e escumalho que se encontra em toda a propriedade, chegando a formar, em grande área, uma camada de terra de mais de meio metro de espessura, e na qual durante as remoções tem saído muitos ferros e outros indícios de fornos e forjas.

E na verdade este local pelo pitoresco da sua paisagem, fertilidade do seu solo e amenidade do seu clima, merecia e convidava a que nelle habitasse um Deus, que recebesse os votos e as offertas d'aquelles, a quem era dado gozar tantos beneficios. E quer no cabeço ou na planura, o Altar tinha sempre um tapete de verdura semeado de côres diversas formadas pelas variadissimas flores que esmaltam as margens d'aquelles ribeiros e arroios, que sussurrando, imprimem, em quem os contempla, uma sensação doce e calma.

Outras recordações ainda muito interessantes devemos tambem citar existentes no termo d'este pequeno povoado, e vem a ser que, a quem d'elle olha para poente e a 1:000 metros proximamente, e quasi no mesmo meridiano, correspondem: ao lado esquerdo os poucos signaes do *Castellinho* na margem esquerda da ribeira, tendo em frente, na margem direita, os alicerces de uma pequena casa quadrada dos *mouros* aonde está, dizem, pintado um gato numa fraga a indicar um thesouro; á sua frente o *alto de S. João*, cabeço perfeitamente conico em que havia uma pequena capella da invocação d'este Santo, que possuia muitos bens, que ha alguns annos foram aforados a um particular; e ao lado direito quasi no começo do ribeiro e a baixo da fonte da *Figueira* as ruinas das *antigas casas de Baixo* em que se podem notar, mesmo agora, pedaços de muros de habitações, fragmentos de tijolo, lousa e telha do typo da actual. Este local é o que tem dado mais trabalho aos sonhadores de thesouros, pois chegam até a vir de povoações distantes a cavar e a remover o terreno em procura d'elles. E lá está a fonte, composta ha pouco, com o que se lhe tirou todo o character de simplicidade e lendario, que é ponto de partida e de orientação para assignalar o sitio onde está o *grande haver*. Do lado nascente, na encosta, proximo de umas fragas, vêem-se duas galerias de uma importantissima mina de chumbo e prata que ha mais de 60 annos começou a ser explorada.

E são estas as notícias que podemos dar do «aro» de S. João Baptista, que abandonando a sua primitiva morada, lá no alto do cabeço de onde o avistava completamente em todos os sentidos, veio para a igreja, na planura, a conviver com aquelles, que, gratos aos beneficios recebidos, o escolheram para seu orago ou patrono.

Bragança, 1899.

ALBINO PEREIRA LOPO.

Inscrição romana da Pedrulha

Na estação lusitano-romana da Pedrulha, freguesia das Alhadas, concelho da Figueira da Foz, appareceu ha tempos uma inscrição romana, que hoje se conserva no Museu municipal d'aquella cidade¹. O Sr. Dr. Santos Rocha dá-me as seguintes informações a respeito d'ella: «Está gravada na face bruta de um pedaço de lage calcarea, de fórma quadrangular, medindo no comprimento 0^m,54, na largura 0^m,28 e na espessura 0^m,17. Todos os outros lados do parallelipedo são grosseiramente trabalhados a martello, e tinham vestigios de haverem estado mettidos em argamassa».

Segundo um decalque que o mesmo illustre archeologo, e meu amigo, me enviou, a inscrição é como se segue :

C A L A I T O
CAIELI·HI·SITO

isto é: *Calaito Caieli hi(c) sito*.

A palavra *Calaito* está evidentemente em dativo; o seu nominativo *Calaitus* é sem dúvida variante de *Calaetus*, que vem no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 2968, e de *Chalaetus*, que vem *ibidem*, 3298. Á mesma familia pertence tambem *Calaetius: ibidem*.

A palavra *Caieli* esta em genetivo, para indicar a filiação de *Calaitus*. Como não conheço outra fórma igual, torna-se-me difficil dizer se temos aqui uma fórma puramente barbara, *Caielus* ou *Caielius*, ou se temos uma simples variante orthographica do conhecido *nomen gentilicio Caius*. Esta orthographia nada teria estranho: é assim que, por exemplo, na Bibliotheca Nacional de Paris vi uma placa de bronze votiva em que se lê DEAEO por DEO, exemplo que é um pouco semelhante. O facto de um *nomen gentilicium* valer de nome proprio barbara tambem não é

¹ Cfr. O Arch. I o L, v, 122.